

Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) con ornatos coloridos e brunidos.

Por E. da CUNHA SERRADO

Em 30 de agosto de 1956, foi-me possível reconhecer que uma gruta situada tres kms. a WSW de Sesimbra possuia grande interesse arqueológico. Trata-se da *Lapa do Fumo*, galeria com cerca de 70 m. comprimento que se abre nos calcários do Jurássico, na parte alta da costa, a 190 m. de altitude. (Figuras 1 a 3.)

Esta revelação teve para mim um significado especial, pois, a pedido do Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, decidira-me, na qualidade de colaborador do “Centro de Estudos de Etnologia Peninsular”, a estudar a arqueologia da região; e tive assim o ensejo de encontrar a primeira gruta arqueológica do concelho, direi melhor, a primeira estação pré-histórica post-paleolítica sesimbrense.

Só no verao seguinte —1957— me foi possível iniciar uma exploração metódica, começando por abrir um quadrado com 2^m de lado, 8,5^m da entrada, que foi exporado por camadas de 20 cm. ¹, até encontrar um chao estalagmítico que, neste local e até onde o pude reconhecer, se mostrou estéril.

Não tem esta comunicação o objectivo de decrever tudo o que a escavação revelou. Direi apenas que, além dos restos ósseos de vários indivíduos sepultados, se recolheram artefactos de interesse, tais como vários instrumentos e armas de silex, de pedra polida, de osso e de cobre ou bronze, objectos de adorno e vários ídolos-placas, de ardósia.

(1) Não tendo encontrado estratigrafia suficientemente esclarecedora na primeira sondagem, pro-

cedi à escavação da parte restante por camadas arbitrárias.

Mas a cerâmica é a nota mais interessante desta estação, pois, nos 4^m3 de terreno explorados num só quadrado —o n.º 1—, encontrei cerca de 2.000 fragmentos que pertenceram a uns 200 vasos que podem classificar-se em pelo menos 11 tipos cerâmicos distintos. A coleção obtida é um autêntico mostruário de cerâmicas antigas (fig. 4), numa sequência que se escalona por um lapso de tempo de alguns milhares de anos. Assim, se aparece cerâmica grosseira, não decorada, com exemplares que podem atribuir-se ao neo-eneolítico, também não faltam tipos decorados a linhas incisas, estando presente o vaso campaniforme e a taça de Palmela. Também há exemplos da cerâmica de almagre, mas aquela que aparece em quantidade apreciável é a do bronze argárico, reconhecível pela boa pasta, negra ou castanha escura, pelo polimento e pelos perfis que definem principalmente escudelas e túlipas. Mas há ainda fragmentos de vasos proto-históricos fabricados com a roda do oleiro, com decoração estampilhada ou sem decoração, de cerâmica luso-romana e até dos tempos históricos.

No quadrado n.º 1, apesar dos cuidados que tive durante a escavação e na selecção dos materiais por camadas, a estratigrafia não permitiu o estabelecimento da cronologia relativa da cerâmica decrita, certamente porque o local foi muito remexido. Apenas, calculando a percentagem dos tipos mais característicos por camadas, verifiquei predominâncias concordantes com a tipologia.

O quadrado n.º 2 prestou-me elementos de correcção das observações anteriores e outras que não interessam de momento.

* * *

Ora, a cerâmica que ainda não referi e que me ocupará especialmente agora, predominava dos níveis onde abundava a cerâmica argárica, mas também encontrei alguns fragmentos noutras posições e até à superfície, de mistura com cerâmicas muito modernas. O que mais interessa dizer a respeito de tal cerâmica, da qual recolhi 36 fragmentos atribuíveis a cerca de 20 vasos diferentes, é o seguinte:

- 1.º - Pela qualidade da sua pasta, boa cosedura, coloração, polimento, certos perfis e ausência de vestígios da roda do oleiro, assemelhase à cerâmica argárica.
- 2.º - É decorada, o que está em contradição com as semelhanças referidas, uma vez que a cerâmica argárica clássica normalmente não tem qualquer ornamento.
- 3.º - Tal decoração não é produzida por incisões. Trata-se de uma ornamentação à base de motivos geométricos numa côr, motivos que se destacam sobre um fundo de tom mais claro da mesma côr. (Figuras 5 e 6.)

As côres fundamentais usadas, são:

- Sobre fundo cinzento, ornatos a negro;
- Sobre fundo castanho claro, ornatos a castanho escuro;
- Sobre fundo castanho claro, ou beije, ornato a ocre;

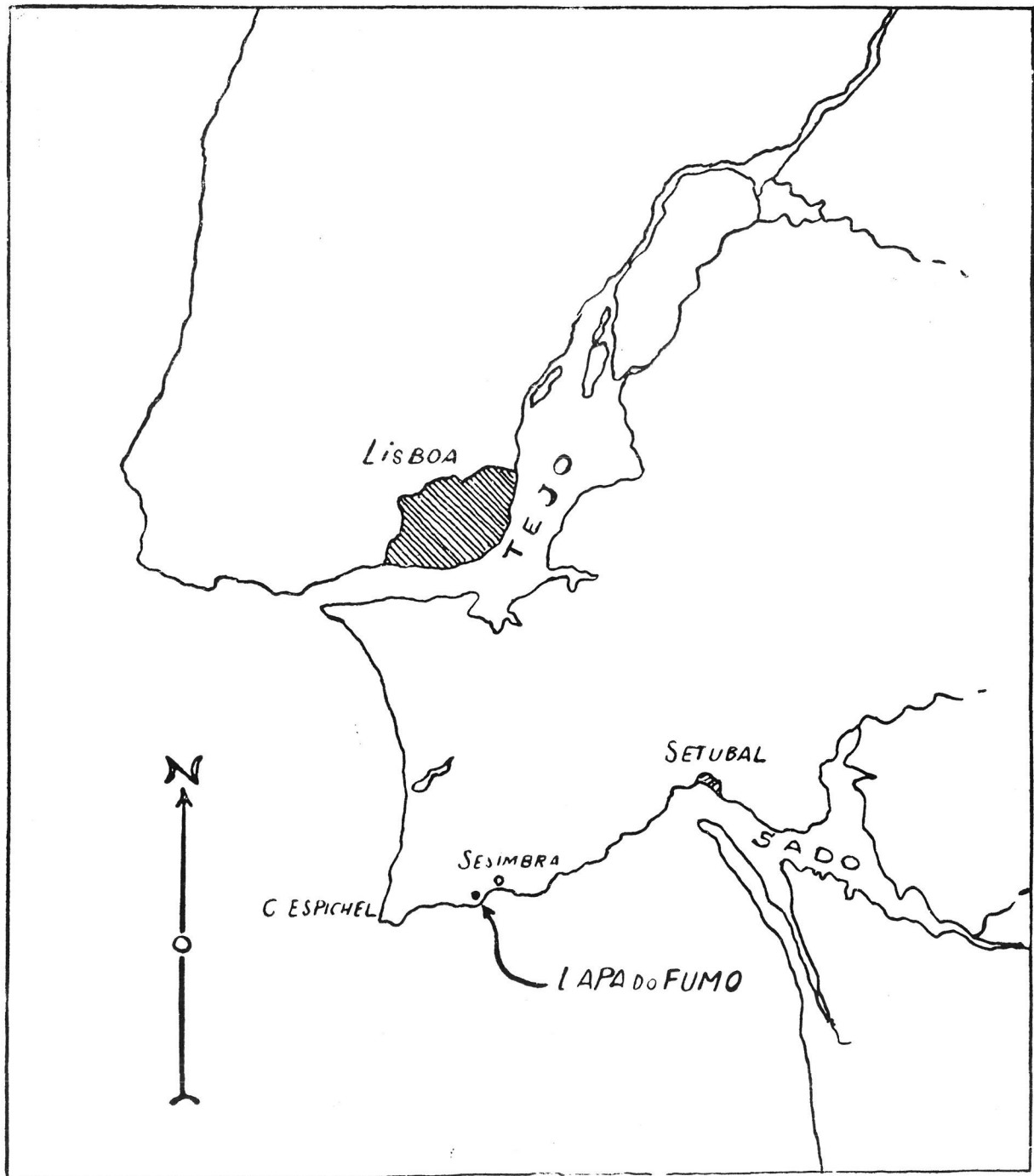


Fig. 1. — Localidad da gruta.

E, no entanto, muito provável que estas côres nao correspondam às primitivas, em resultado de alterações produzidas por agentes diversos.

¿E como foi conseguida tal ornamentação?

En nenhum dos exemplares poderei ter como certo que se trate de pintura, na verdadeira acepção da palavra. Em alguns casos, parece que a técnica foi esta: fabricado o esqueleto do vaso —digamos assim— este foi em seguida revestido exterior e interiormente com um engobe negro ou castanho. Depois, deu-se uma aguada de tom claro sobre o engobe a esta última camada colorida

retirou-se de onde se quis com um instrumento que seria semelhante a uma espátula, ficando a descoberto, só nessas zonas, o fundo escuro.

Mas, na maioria dos casos, poderei admitir uma técnica mais simples: a passagem de um utensílio rombo —brunidor— sobre o engobe que, neste caso, não teria sido revestido de qualquer aguada, produzindo sulcos polidos largos o muito pouco profundos que ficaram contrastando, pelo seu polimento, com o fundo baço. Ainda hoje se fabricam cerâmicas populares decoradas desta maneira em Portugal —Alentejo e Trazos-Montes— e em épocas pré-históricas e proto-históricas, como adiante referirei, houve preferência pelos ornatos brunidos.

* * *

Já por duas vezes tive a oportunidade de manifestar a minha opinião sobre a cronologia da cerâmica tratada neste breve resumo: muito sumariamente em 15/II/1959, num relatório que será publicado num volume dos “Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia”² e, pormenorizadamente, numa comunicação³ apresentado ao “I Congresso Nacional de Arqueologia” realizado em Lisboa, em Dezembro de 1958.

Em qualquer dos dois estudos, optei por uma cronologia compatível com a idade do ferro, não sem que manifestasse notar algumas analogias entre a cerâmica da Lapa do Fumo e certos estilos decorativos do Mediterrâneo oriental, facto que, em virtude ainda de outras de razões que adiante referirei, poderia levar-nos a julgá-la mais antiga. Hoje, porém, há mais um importante argumento favorável à primeira hipótese, uma vez que, no citado I Congresso Nacional de Arqueologia, o Exm.^o Snr. Professor Maluquer de Motes apresentou exemplares de uma cerâmica que mostra decoração semelhante e que encontrou nas proximidades de Sevilha, num nível atribuível francamente à idade do ferro⁴.

Os argumentos, porventura pouco consistentes, que poderiam conduzir à suspeita de que a cerâmica da Lapa do Fumo teria uma origem mediterrânica e uma cronologia mais recuada, são os seguintes

E sobejamente sabido que, em certas épocas da cultura minoica, os ceramistas dissimulavam a argila sob um verniz negro, sobre o qual faziam destacar ornatos a branco mate⁵. No minoico antigo II, era muito habitual a decoração de cor escura sobre fundo claro, abundando os motivos geométricos inspirados, triângulos cheios de linhas. Ora, efeitos decorativos semelhantes mostra-nos a cerâmica de Sesimbra em causa, que apenas poderá divergir da do Egeu pelo

(2) EDUARDO DA CUNHA SERRADO. *Investigações arqueológicas na Região de Sesimbra (Resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)*. Fevereiro de 1958. (Em publicação).

(3) EDUARDO DA CUNHA SERRADO. *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*. Co-

municação apresentada ao “I Congresso Nacional de Arqueologia”. Lisboa, Dezembro de 1958.

(4) J. MALUQUER DE MOTES. *El tesoro tartésico del Caranbolo (Sevilla) y los primeros resultados de las excavaciones*. I. Congreso Nacional de Arqueología. Lisboa, 1958.

(5) GUSTAVO GLOTZ. *La Civilización Egea*. Barcelona, MCMXXVI.

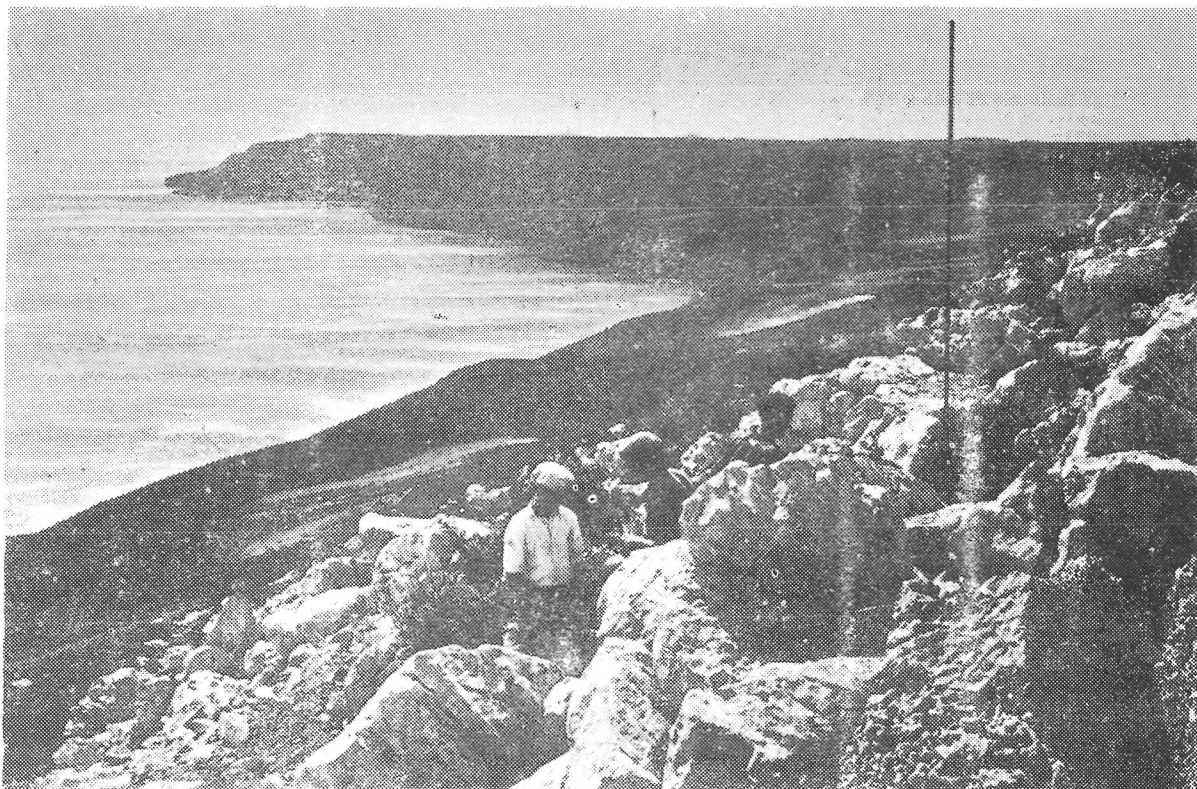


Fig. 2. — A Lapa do Fumo, entre o cabo Espichel (ao fundo), e Sesimbra.



Fig. 3. — Interior da la “Lapa do Fumo”.

proceso decorativo utilizado, visto que nao resulta propriamente de pintura, pormenor este importante, mas que nao invalida totalmente as analogias referidas, pois o objectivo a atingir marca mais uma atitude do que o meio de que para tal o homem se serviu.

Evidentemente que a cerâmica minoica evoluiu num sentido requintado, cujo elevado nível artístico está patente nos exemplares de Camarés, que a



Fig. 4. — Principais tipos de cerâmica de várias épocas provenientes da Lapa do Fumo.

roda do oleiro é utilizada desde muito cedo em Creta —a cerâmica da Lapa do Fumo nao foi fabricada com roda do oleiro— e que serao pintados, na realidade, os ornatos da cerâmica minoica. Mas, nao podemos só contar com influências originárias dos grandes centros da cultura cretense, pois haveria outros provinciais, onde os processos de fabrico seriam mais rudimentares e a inspiração teria estagnado nos primitivos ornatos geométricos. Ainda mais desfigurados seriam certamente os exemplares fabricados nas regioes distantes, por onde os estilos iniciais do Egeu se teriam propagado, parecendo-nos fácil admitir-los de feição grosseira, já em muitos pormenores desviados dos modelos produzidos pelas *élites* de artistas dos centros originários.

Por outro lado, há defensores —Childe ⁶ e Glotz— da teoria segundo a qual a cultura argarica manteria relações com outras do Mediterrâneo oriental —Anatolia e Creta— e este possível relacionamento, somado ao facto observado na Lapa do Fumo de que a cerâmica com ornatos a côres predominava nos

(6) V. GORDON CHILDE, *L'Aube de la Civilisation Européenne*. Paris, 1949.

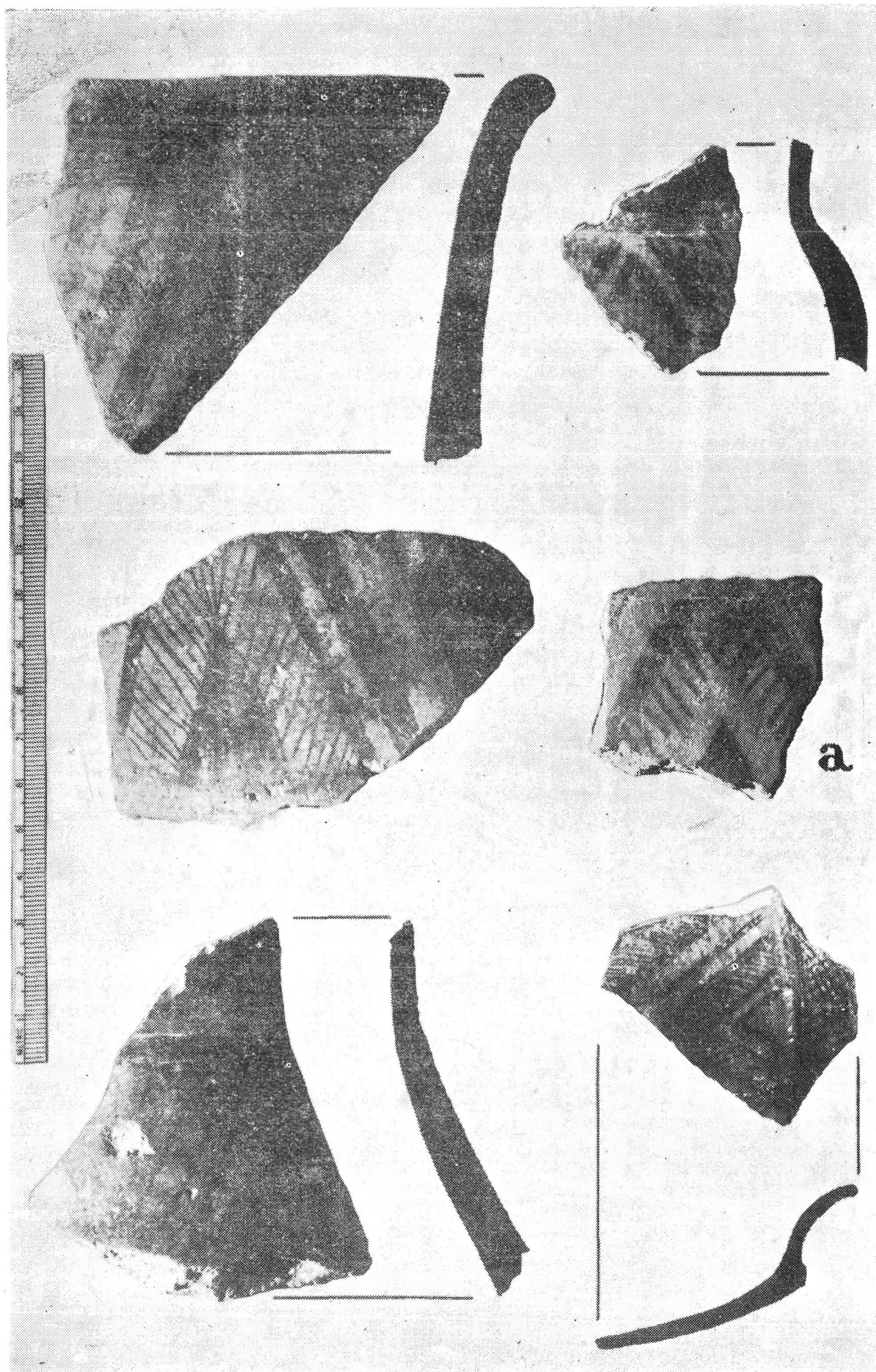


Fig. 5. — Cerâmica da Lapa do Fumo.

níveis onde abundava a do tipo argárico, poderia induzir a que se admitisse ser este original estilo de Sesimbra contemporaneo da cultura argárica, uma especial manifestação de tal cultura em resultado de contactos estreitos, por via marítima, com as civilizações do Egeu.

Ora, além de ser razão de peso, a opôr-se a tal hipótese, não vemos cerâmica semelhante entre os espólios das mais representativas estações peninsulares do bronze argárico, os argumentos favoráveis a uma cronologia compatível com a idade do ferro são hoje, indiscutivelmente, de maior valor, como passamos a verificar.

Assim, se entre o espólio de um abrigo de Rior Maior, considerado, pelo Excelentíssimo Snr. Professor Manuel Heleno, do bronze argárico, figuram alguns fragmentos onde se esboça uma decoração semelhante, conheço outros —embora apenas dois— mas estes com uma decoração que admite pleno paralelo com os do Fumo, provenientes da Gruta do Vimeiro, que apareceram acompanhados de materiais que definem época mais avançada, como sejam os restos de um capacete céltico.

São assim em número reduzido os exemplares que, em Portugal, admitem comparações com os da Lapa do Fumo: quatro ou cinco fragmentos provenientes de duas estações portuguesas contra trinta e seis da gruta de Sesimbra.

Quanto à cerâmica encontrada em estações espanholas, saliento as semelhanças entre o fragmento mais colorido da Lapa do Fumo —beije, ôcre e negro— (fig. 5-a), com outros da idade do ferro de Teruel —sepulcro n.º 11 de Barranco de San Cristóbal de Mazaléon ⁷, pertencentes a uma cerâmica em que o Exm.º Snr. Professor Martín Almagro vê influências das cerâmicas hallstáticas centro-europeias, cuja origem estaria no estilo de Günlingen ⁷.

Por sua vez, os exemplares do Fumo, em que a ornamentação é simplesmente brunida, parecendo hoje, em resultado das alterações que as superfícies dos fragmentos sofreram, uma decoração por contraste de côres, também conduzem a paralelismo com os tipos cerâmicos do Marne, Hessen e da Baviera, de La Tène I ⁸.

Mas, a estes argumentos, que permitem esboçar uma opção, soma-se hoje, como já referi, aquêles que resulta do achado do Exmo.º Snr. Professor Maluquer de Motes, feito num nível da idade do ferro ⁴. Tratar-se-á de um estilo também excepcional em Espanha que sugere, segundo despreendi, influências centro-europeias trazidas pelas ondas célticas de regiões, onde, como se sabe, muito de apreciativa a cerâmica com ornamentações coloridas. Seria, segundo opinio do Exm.º Snr. Professor Maluquer, um dos sintomas da cultura Tartésica no sudoeste espanhol e, a podermos estabelecer paralelo absoluto —não observei directamente a cerâmica de Sevilla— com a do Fumo, esta última representaria um marco bastante ocidental da mesma cultura Tartésica.

Mas, havendo apenas dois focos mais evidentes (o de Sesimbra e o de Sevilla), ambos conhecidos há pouco tempo e oferecendo dados estatigráficos

(7) MARTÍN ALMAGRO. *La invasión céltica en España*, em *História de España*, dirigida por Ramón Menéndez Pidal. Tomo I. (Fig. 167).

(8) JOSEPH DÉCHELETTE. *Manuel d'Archéologie*

Préhistorique Celtique et Gallo-Romaine, IV, *Second Age du fer ou l'époque de La Tène*. Paris, 1927.

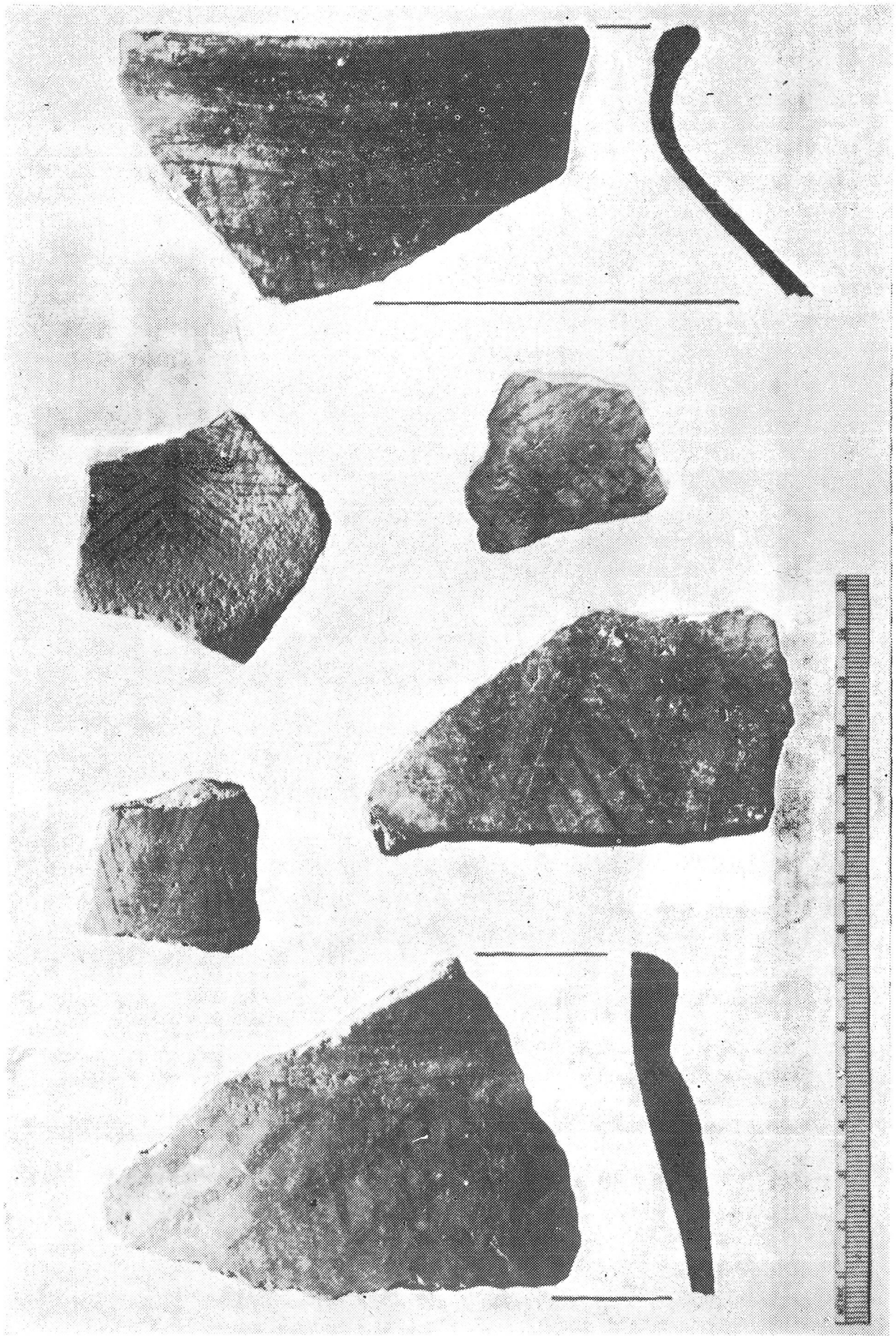


Fig. 6. — Cerâmica da Lapa do Fumo.

nao perfeitamente concordantes ⁹, é evidente que estamos em preseça de um problema que oferece ainda muitas incógnitas e, portanto, longe de podermos a seu respeito fazer afirmações categóricas de qualquer natureza, muito especialmente antes de nos assegurarmos de que as duas cerâmicas são inteiramente equiparáveis.

Da minha parte, avalio o interesse deste caso arqueológico e por isso o apresentei ao I Congresso Nacional de Arqueologia, onde colhi um importante elemento —aquele que resultou da comunicação do Snr. Professor Maluquer.

E também avalio a importância que a Lapa do Fumo poderá ter para a resolução de todas as incógnitas que se relacionam com esta cerâmica —principalmente cronologia, orígenes e expansão— esperando confiadamente que, em outros locais da gruta que, de futuro, venha a explorar, não se repita o estranho caso de ter encontrado pelo menos onze tipos de cerâmica atribuível a diversas épocas e culturas que, se estivessem nas suas rigorosas posições estratigráficas, dariam lugar a onze estratos, num local onde o chão estalagmítico —estéril— está apenas a 1^m.20 —o máximo— de profundidade.

A simples predominância desta cerâmica com ornatos a cores, nas camadas onde abundava a cerâmica do tipo argárico, é elemento fraco, na realidade. E de menos valor será, se atentarmos em que também a encontrei à superfície, onde apareceram moedas medievais árabes, um utensílio de quartzo com trabalho de técnica languedocense, fragmentos de placas-ídolo de ardósia, etc.

Termino, manifestando expressivamente o desejo de que possam chegar ao meu conhecimento quaisquer elementos que, porventura existam e eu ignore, e que contribuam, por qualquer forma, para o esclarecimiento deste problema que tanto interessa à arqueologia peninsular*.

(9) Recordo que, embora pouco seguros, os dados estratigráficos da Lapa do Fumo inclinar-nos iam para uma cronologia correspondente à da cultura do bronze argárico.

* La cerámica hallada en las excavaciones realizadas por J. de Mata Carriazo en el Carambolo de Sevilla, correspondiente a esta cerámica de la Lapa do Fumo, aparece en el nivel inferior junto con una cerámica pintada que puede clasificarse claramente como cerámica tartésica y constituye una imitación peninsular de la cerámica chipriota de

los siglos VIII-VII a. C. La cerámica con decoración bruñida y esgrafiada que puede fecharse en estos mismos siglos por aparecer en Sevilla asociada, era ya conocida en España por aparecer en el nivel inferior del poblado tartésico de Mesas de Asta (La posterior Asta Regia), y allí por falta de cronología absoluta se había considerado del Bronce inicial. Los hallazgos de Sevilla permiten reconsiderar esta cerámica con decoración pulida como una especie tartésica peninsular imitación de cerámicas fenicias de Biblos.—J. Maluquer de Motes.